

## As Pontes de Florestas e Madeiras: Reflexões a partir de um Campo com Engenheiros Florestais Moçambicanos e Brasileiros

### Forests and Woods Bridges: Considerations based on a Fieldwork with Mozambicans and Brazilians Forestry Engineers

Victor Miguel Castillo de Macedo<sup>1</sup> 

#### Resumo

O presente texto trata das agências entre humanos e não humanos a partir de materiais secundários de uma pesquisa concluída em 2015 entre engenheiros florestais moçambicanos em Curitiba. Parte-se da compreensão que as relações entre brasileiros e moçambicanos está calcada em uma base epistemológica compartilhada, qual seja, o conhecimento em Engenharia Florestal. No entanto, as diferenças ontológicas entre Brasil e Moçambique construídas nos rituais acadêmicos destes engenheiros, trazem outras nuances com relação ao diálogo Sul-Sul em questão. Em especial a capacidade destas diferenças informarem as particularidades da contemporaneidade destes diferentes contextos, suas estratégias e interesses. Ao seguir as redes de relações produzidas entre os dois lados do Atlântico nesse contexto discreto, pretende-se contribuir para uma leitura mais complexa das relações entre os países, daquilo que se compreende como as relações “Sul-Sul”, e do lugar da cooperação internacional nas composições sociais de Brasil e Moçambique.

**Palavras-chave:** Engenharia florestal. Cooperação Sul-Sul. Moçambique.

#### Abstract

The present paper discusses the agencies amid humans and non-humans through secondary materials of a research concluded in 2015, between Mozambican forest engineers living in Curitiba, Brazil. It departs from the comprehension that the relations between Brazilians and Mozambicans is based in a epistemological common ground, which is the knowledge in Forest Engineering. Nevertheless, the ontological differences betwixt Brazil and Mozambique built on the academic rituals of this engineers, bring other nuances concerning the referred South-South dialogue. Especially the capacity that those differences have to inform the particularities of the contemporaneity of this specific contexts, their strategies and interests. Following the networks of relations produced between both sides of the Atlantic in this discrete context, I intend to contribute to a more complex reading of the relations amidst those countries, of what is known as the

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN-UFRJ, RJ, Brasil). E-mail: victormcmacedo2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6923-0734>.

South-South relations, and the place of international cooperation in the social compositions of Brazil and Mozambique.

**Keywords:** Forestry Engineering; South-South Cooperation; Mozambique.

Pouco mais do que tecnologia e a pura exploração econômica parecem ter restado para fins de “explicação” da superioridade ocidental. Passou a ser previsível a constatação de que mesmo aquelas prerrogativas podem tanto desaparecer como deixar de ser reivindicadas.

Johannes Fabian (2013, p. 70)

### **Breve Comentário Sobre o Contexto Etnográfico**

Este é um texto sobre pessoas, objetos e textos em movimento entre Moçambique e Brasil. O meu objetivo é descrever as dinâmicas que fabricam diferenças ontológicas e epistemológicas no contexto das cooperações internacionais Sul-Sul, incorporando e dialogando com as contribuições recentes desse campo na Antropologia Brasileira. As situações etnográficas oferecem olhares sobre movimentos localizados e específicos de tais dinâmicas. Com elas espero inspirar e indicar a necessidade de uma maior atenção a tais contextos.

Parte da reflexão e dos dados etnográficos produzidos na pesquisa que conduzi entre engenheiros florestais moçambicanos em Curitiba, extrapolou as questões desenvolvidas nos trabalhos que resultaram delas: minha monografia de graduação em Ciências Sociais intitulada “Moçambique, Novas Machambas: trajetórias e experiências de engenheiros florestais moçambicanos em Curitiba”; e a dissertação de mestrado em Antropologia “Memórias, silêncios e intimidades: sobre a política no Moçambique contemporâneo (1975-2015)”. Os fragmentos etnográficos que informam a reflexão aqui pretendida têm certamente um conjunto de condicionantes e características próprias do momento que o Brasil viveu ou pelo menos dos efeitos do período que se iniciou em 2002, com a eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva. O investimento na internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) e no diálogo com os países do sul global fez com que aumentasse o número de bolsas para o Programa Estudante Convênio nas modalidades de graduação e pós-graduação, sob os acrônimos PEC-G e PEC-PG.

Foi através de um mestrando moçambicano da antropologia da UFPR que eu soube do número significativo de moçambicanos estudando na pós-graduação de engenharia florestal da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em torno de oito na época. Eusébio, com quem eu compartilhava a orientação do professor Lorenzo Macagno, foi quem me apresentou às redes de estudantes africanos em Curitiba.<sup>2</sup>

Após perceber que não poderia dar conta das várias realidades africanas dos estudantes de PEC-G e PEC-PG em Curitiba (havia congolezes, nigerianos, angolanos, benineses, guineenses e cabo-verdianos) decidi fazer das trajetórias de vida e

---

<sup>2</sup> Por motivos explicitados em outras ocasiões (MACEDO, 2015, 2016), os nomes de meus interlocutores moçambicanos serão alterados de modo que somente possíveis especialistas e conhecedores dos debates da engenharia florestal, caso pesquisem, vão saber através dos temas quem são as pessoas a que me refiro neste trabalho. O mesmo ocorre para os engenheiros florestais brasileiros, uma vez que minha relação com eles não teve o mesmo grau de proximidade que a com os moçambicanos. Pelo mesmo motivo, os trabalhos de engenharia florestal explorados na primeira parte do texto não constarão nas referências bibliográficas.

experiências escolares de moçambicanos o tema de minha monografia. Do mesmo modo, ao concluir essa pesquisa inicial que durou dois anos, após ingressar no mestrado, aprofundei as questões presentes no campo. Ao todo foram quatro anos acompanhando-os, de 2011 a 2015. Na pesquisa da dissertação meu enfoque se voltou às dinâmicas mnemônicas de seus cotidianos e os efeitos que processos histórico-políticos do Moçambique contemporâneo produziram.

Minha convivência com estes moçambicanos e moçambicanas, amigos e amigas que marcaram de forma indelével minha trajetória acadêmica e minha relação com a antropologia, cresceu e produziu suas intimidades a partir de alguns episódios importantes. Conforme comento em outros trabalhos (MACEDO, 2015, 2016), foi uma forma de conhecer Moçambique em Curitiba. Através de Eusébio, passei a ser convidado para os chamados “convívios” (festas de confraternização).

Tal relação chegou ao ponto de uma destas festas ter sido organizada na casa de meus pais. Nessa situação, o fato de já ter conhecido o país (Moçambique), e ser filho de um imigrante caribenho negro no Brasil, contribuiu para a criação de um laço de afeto e cuidado entre meus amigos e eu. Essa festa, que ocorreu entre a chegada de alguns “novos moçambicanos” e a saída de outros, também sucedeu o término da minha pesquisa da monografia em 2012. De modo que novas informações e questões surgiram a medida que as conversas continuaram. Se de fato construí uma intimidade nessas relações, ela teve, às vezes, sua intensidade reduzida chegando a ser interrompida em alguns casos (cf. CANDEA, 2010; RABINOW, 1977). Era parte da transitoriedade do campo que meus interlocutores e amigos chegassem e saíssem enquanto eu fiquei acompanhando-os em ou desde Curitiba (ao contrário do costumeiro trânsito do pesquisador que vai ao campo).

O projeto de mestrado propôs justamente orientar o recorte da pesquisa de modo a deslocar os diacríticos nacionais que os diferenciavam de outros estudantes e focar nas especificidades da sua prática como engenheiros florestais – o que me levou a conhecer também alguns professores e engenheiros que produziram as redes que ligam a produção científica florestal da Universidade Federal do Paraná – UFPR ao curso de Agronomia e Engenharia Florestal da Universidade Eduardo Mondlane – UEM. Infelizmente não pude acessar recursos suficientes para uma viagem até Moçambique, que me permitissem “seguir as redes sociotécnicas” até as suas outras extremidades. No entanto, esse impedimento me fez olhar com mais cuidado os cadernos de campo e minhas anotações. Essa leitura me levou a uma reflexão a respeito das ressonâncias das memórias da guerra civil que meus amigos mobilizavam em suas interações – período que marcou a infância deles. O contexto político tenso do biênio 2014-2015 em Moçambique contribuiu para que todo encontro estivesse permeado com artefactualidades históricas (cf STRATHERN, 2014) em suas imagens e possibilidades, e foi sobre esses índices que me debrucei em minha dissertação.

De todo modo, a análise que segue é uma exploração das redes que se produziram de modo mais consistente noutro contexto político brasileiro (2012-2014). É um esforço de coetaneidade, na atenção intersubjetiva (cf FABIAN, 2013, p. 171), de levar em conta aquilo que mais interessou, naquele período, aos meus amigos e amigas moçambicanos: o desenvolvimento de uma dissertação em Engenharia Florestal. Convido-os assim, a conhecer alguns dos percalços e êxitos destes moçambicanos em fragmentos etnográficos, para pensar algumas das complexidades que compõem os movimentos chamados de sul-sul.

**Mapa 1 - Moçambique: divisões políticas e geográficas.**



**Fonte:** África Turismo, 2015.

\*\*\*

Iniciarei apresentando três de meus interlocutores, nascidos em Moçambique, e que vieram ao Brasil para seus estudos de mestrado no Programa de Pós-graduação em Engenharia Florestal – PPGEF da UFPR. Esta não será, entretanto, uma exposição a respeito de suas trajetórias individuais. Minha preocupação inicial é evidenciar parte dos conteúdos que compuseram suas preocupações nos trabalhos que resultaram de sua vinda ao Brasil – justamente para levar em conta aquilo que fazem enquanto engenheiros florestais. As dissertações incorporam problemáticas específicas de tipos distintos de ciência florestal.

Seguindo o intuito de evidenciar a intensidade das dinâmicas dos convênios e cooperações internacionais, desfio as ligações institucionais entre a UFPR (Curitiba, Brasil) e a UEM (Maputo, Moçambique). Há conforme apresentarei abaixo uma concatenação histórica de eventos e redes que reforçam as ligações estabelecidas entre

dois contextos nacionais de produção da ciência florestal. Assim existem coisas que os convênios fazem, bem como coisas que as dissertações mobilizam. Especialmente as últimas (as dissertações) compreendem o uso de técnicas e máquinas específicas para que se produza um tipo de conhecimento relevante para a engenharia florestal.

Para dar conta desse fator, trarei a descrição de dois eventos científicos com uma característica peculiarmente comum, a centralidade das máquinas nos trabalhos apresentados. No primeiro, um engenheiro florestal moçambicano é “acusado” de querer casar com a máquina que utilizou em sua pesquisa de mestrado (um amor às máquinas no sentido de Laet e Mol (2000)). No segundo, os *remendos* do engenheiro florestal brasileiro permitem que a análise do trabalho de pós-doutorado fique completa (em diálogo com John Law (2011)). Apesar de mobilizarem as máquinas de maneira aparentemente semelhante, me interessa refletir sobre o que justifica o desconforto em torno do ‘casamento’ do engenheiro moçambicano e a naturalidade diante do improvisado do brasileiro.

Diante desse complexo conjunto de conexões, as sessões finais do artigo retomam o contexto contemporâneo de relações e pesquisas entre Brasil e Moçambique, ou da “Cooperação Sul-Sul”. Me interessa por um lado, reforçar, em diálogo com Leticia Cesarino (2014, p. 20), os ganhos de uma leitura reflexiva e situada de tais relações. Por outro lado, considerando a diversidade de pesquisas desenvolvidas em ciências humanas sobre a “Pérola do Índico”, desde o Brasil, e as muitas possibilidades analíticas que elas permitem, aponto para a necessidade de se olhar para as socialidades resultantes deste Moçambique contemporâneo: pós-colonial, pós-socialista e neoliberal. Assim, minha preocupação é evidenciar o quanto se pode aprender desde o contexto florestal moçambicano nessas aproximações e descompassos entre engenheiros florestais, brasileiros e moçambicanos.

### **Sobre Engenheiros Florestais e suas Atividades**

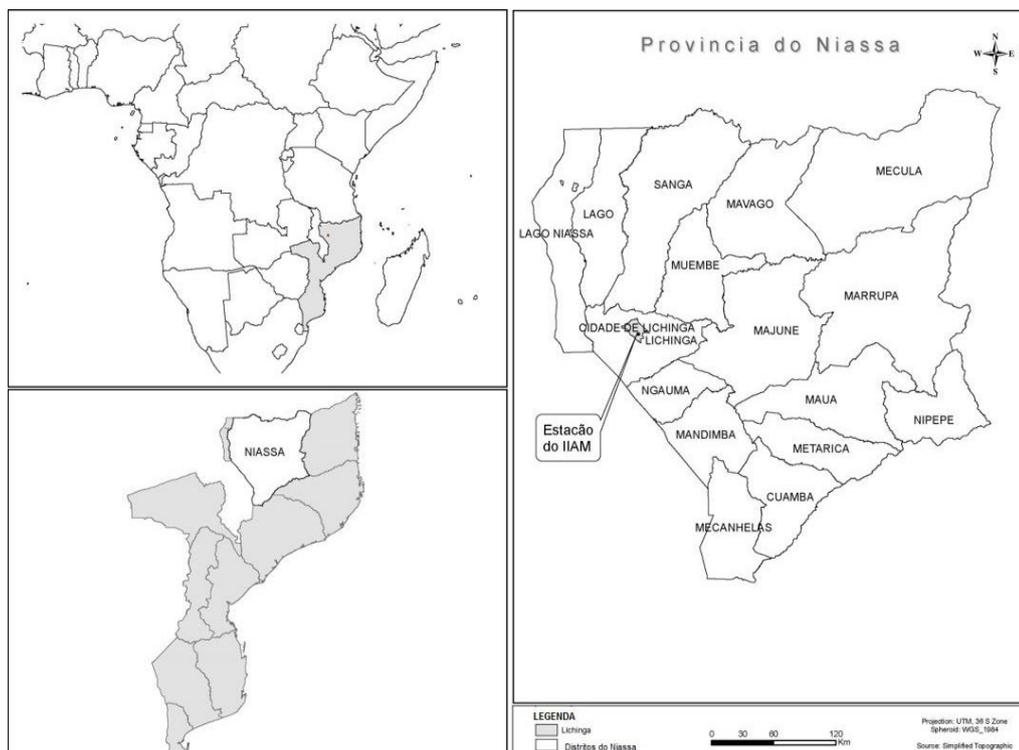
As atividades que agregam o rótulo de Engenharia Florestal são muito diversas. No PPGEF-UFPR as linhas de pesquisa são: Conservação da Natureza; Economia e Política Florestal; Manejo Florestal; Silvicultura; e Tecnologia e Utilização de produtos florestais. Para evidenciar as diferenciações entre meus interlocutores, atento para três casos especificamente: os engenheiros florestais Carlos, Pedro e Ana que estudaram na mesma universidade moçambicana (a UEM) e, no entanto, seguiram caminhos distintos dentro da Engenharia Florestal.

Ana trabalha na Direção Nacional de Terras e Florestas de Moçambique – DNTF, e lida com a análise e desenvolvimento de dados acerca da produção florestal do país. Suas pesquisas servem de base para a criação de políticas de desenvolvimento florestal junto às populações rurais. Não por menos, sua dissertação foi feita na linha de pesquisa “Economia e Política Florestal”. Logo, suas preocupações estão voltadas para descompassos que surgem entre empresas florestais privadas e as populações rurais. Isso se deve à própria condição das terras em Moçambique que pertencem ao Estado. Sua concessão a empresas privadas deve passar por consultas públicas junto às populações que habitam os locais afetados. Entretanto, essa forma “oficial” nem sempre é seguida – o caso estudado por ela é um exemplo do que ocorre mais comumente: as empresas privadas iniciam o diálogo com os povoados ou as chefias locais, oferecendo empregos e melhorias nas vias de acesso, em troca do uso das terras para plantios florestais (uma espécie de floresta domesticada para fins comerciais, a venda de lenha, a produção de carvão vegetal entre outros).

Para seu trabalho a engenheira Ana utilizou a aplicação de *surveys* entre os moradores de três distritos do Niassa no norte de Moçambique: Lago, Sanga e Lichinga. Em suas conclusões observou as incongruências que não estariam previstas nas ofertas de emprego das empresas: o controle sobre o que se estava plantando e como (proibição das queimadas), o agravamento das condições de vida daqueles que não conseguiram emprego na empresa (por falta de educação formal) e a apropriação indevida de terras (camponeses que estendem suas *machambas*<sup>3</sup> até as propriedades da empresa). Mas esse não é o único tipo de análise possível que a engenharia florestal fornece.

O engenheiro Pedro contribuiu para a pesquisa de sua colega cedendo os dados sobre a empresa de capital misto (ou *joint venture*) na qual ele trabalha, na província de Niassa. Sem embargo, o objeto de sua dissertação foi a ocorrência de incêndios também em Niassa, na área de “Conservação da Natureza”. A leitura desenvolvida pelo engenheiro se baseou nas variações climáticas na região e nos possíveis índices de perigo de incêndio que poderiam ser utilizados. Os dados utilizados foram reunidos junto à sua empresa e aos órgãos estatais responsáveis, tanto para a análise das variações climáticas, quanto para o teste de diferentes índices. Em suas conclusões, a principal causa de incêndios na região estudada é a ação do homem (causas antrópicas). Os trabalhos destes dois engenheiros se complementam enquanto um diagnóstico da produção florestal no Niassa. Ainda assim, não há uma obrigatoriedade em se fazer trabalhos sobre seu país de origem. Em outras palavras, engenheiros moçambicanos podem trazer novas ideias para a produção florestal brasileira.

**Mapa 2** - Província do Niassa, distritos de Lichinga, Lago e Sanga



**Fonte:** Mbanze *et al.* (2017).

<sup>3</sup> Machamba, em kiswahili, quer dizer, qualquer tipo de extensão de terra em que se trabalhe ou se produza (no sentido agrícola, não vale, por exemplo, para a exploração mineral). Ou o que chamamos de roça no Brasil (LOPES; SITOIE; NHAMUENDE, 2002, p. 84).

É o caso do trabalho do pesquisador e professor da UEM, Carlos. Ele fez uma dissertação com madeiras de origem amazônica no intuito de testar tipos de colas para a produção industrial. Sua área de concentração “Tecnologia e utilização de produtos florestais” é voltada para o desenvolvimento de inovação tecnológica e, ao mesmo tempo, é aquela em que se passa mais tempo nos laboratórios da Escola de Floresta. Sua análise envolve a descrição mais milimétrica o possível das características das espécies de madeira e das colas utilizadas. As espécies com as quais trabalha foram adquiridas após uma viagem à Amazônia, dentro de um projeto envolvendo a Embrapa. Seu objeto de pesquisa é uma escolha decorrente de uma restrição, pois ele não poderia transportar madeiras de Moçambique ao Brasil sem que essas tivessem passado por um processo de industrialização (até porque os países são concorrentes na produção florestal). Devido a essa restrição, o engenheiro se propôs a buscar outras espécies em Manaus junto ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA. Ao seu país, ele levará parâmetros de avaliação e de caracterização do bom funcionamento das colagens em tipos específicos de madeira.

Como se pôde ver, o termo engenheiro florestal pode designar distintas técnicas e interesses. Diversas vezes, Carlos e outros que trabalham na mesma linha, se diziam mais engenheiros madeireiros ou da indústria madeireira – sugerindo que esta outra etapa do processo de produção florestal implicaria numa forma de conhecimento mais tecnológica. Ainda assim, os dois primeiros trabalhos apresentados têm também uma grande mediação das técnicas e tecnologias. Não por menos se utilizaram da estatística para traduzir seus dados em índices e percentuais. Esses dados e técnicas são imprescindíveis na produção de um entendimento a respeito da situação florestal de Moçambique. Eles formam os diagnósticos e as políticas florestais, ou as medidas preventivas contra incêndios nas etapas iniciais da produção. Por outro lado, as técnicas de análise da composição química das madeiras e avaliação das colagens são interessantes para uma indústria não tão desenvolvida em Moçambique, que em geral se destina à produção de carvão vegetal.

É possível notar que não estou tratando destes três engenheiros sob seus marcadores regionais. Nesta reflexão a intenção é tomá-los em relação aos outros agentes que compõem as dinâmicas florestais entre Brasil e Moçambique. O que produz um ponto de interrogação acerca de como se tratar esses interlocutores, se não como *engenheiros florestais moçambicanos*. A questão é que essa não precisa ser uma denominação fechada. Talvez a maneira mais conveniente de compreendê-los seja enquanto um agregado social (LATOUR, 2005) – de agentes/actantes que possuem diferenças irreduzíveis e indissociáveis nas relações que mantém entre si (CUNHA, 2009). Enquanto um agregado e não um grupo, só podem ser engenheiros florestais *moçambicanos* em relação a outros engenheiros florestais *brasileiros* e com respeito aos convênios que envolvem UFPR e UEM. Além dos engenheiros e das dissertações produzidas por eles, os convênios também atuam neste contexto. São classes distintas de papéis que mobilizam o movimento entre Moçambique e Brasil. Para explicar a configuração destes agregados devo voltar no tempo cronológico, antes da chegada de meus interlocutores à Curitiba. Se tivesse começado por esse passo, talvez seu conhecimento em engenharia ficasse num segundo plano. Ou ainda, eu acabaria por ignorar o que interessa a esses estudantes de mestrado, que é obter seus diplomas de mestre.

## Os Convênios

*A ponte não é de concreto, não é de ferro, não é de cimento. A ponte é até onde vai o meu pensamento. - Lenine*

O acordo de cooperação entre Brasil e Moçambique data o ano de 1981. Entretanto, a ida de engenheiros florestais brasileiros ao país se iniciou em 1979. Este ano marca o começo do curso de Engenharia Florestal e Agronomia na UEM, o que contribuiu para o deslocamento de vários engenheiros florestais brasileiros recém-formados ao país africano. Conforme me descreveu Roldão, um dos professores-pesquisadores que atualmente trabalha na UFPR (formado na Universidade Federal de Santa Maria), havia um grupo da UFPR participando de uma consultoria da Madeiras do Brasil (MADEBRÁS) para a Madeiras de Moçambique (MADEMO<sup>4</sup>). Esse mesmo professor foi a Moçambique no início dos anos 1980 e trabalhou para a Mademo. Posteriormente foi professor na UEM e, hoje, trabalha também na Empresa brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa. Através da Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná-FUPEF, que faz parte da UFPR, os engenheiros florestais que saíram do Paraná, atuaram em conjunto com a Madebrás na produção do primeiro inventário florestal na região do Niassa até 1983<sup>5</sup>. Na década seguinte, vieram os primeiros engenheiros florestais moçambicanos para estudar no Brasil. Esse movimento, entretanto, não teve continuidade, devido entre outras coisas à crise das Instituições de Ensino Superior brasileiras e ao acirramento da guerra civil moçambicana.

Foi somente em 2007 que a UFPR e a UEM assinaram o Termo de Cooperação 018/2007, para Capacitação em Ciências Florestais. Em 2009, assinaram também o projeto BRA/04/44S162 para a reabilitação do Centro Agroflorestal da Machipanda – CEFLOMA, que fica na região central de Moçambique. Projetos que envolveram a ida de professores brasileiros a Moçambique, serviram para contribuir com cursos de capacitação, assim como o fornecimento de máquinas e tecnologias da madeira (como por exemplo, processos mais simples e menos custosos de secagem da madeira). O fluxo de engenheiros entre Brasil e Moçambique, se iniciou nos anos 1970/1980, e retomou seu vigor somente em 2007. Isso, no entanto, não impediu que engenheiros florestais brasileiros, produzissem artigos e textos a respeito da experiência no país da África Austral, durante a década de 1990<sup>6</sup>.

O Cefloma, alvo do principal projeto em curso, está localizado no centro de Moçambique, na província de Manica, na fronteira com o Zimbábue. Esse centro foi criado em 1989, com o objetivo de oferecer um apoio às atividades de pesquisa para os cursos de engenharia florestal e agronomia da UEM. O interesse brasileiro contemporâneo nesse centro tem um sentido estratégico, conforme descrito no trabalho de conclusão do pós-doutorado do professor que coordena o convênio, Aramis, há

---

<sup>4</sup> Apesar do nome semelhante, as empresas têm denominações inteiramente distintas, em especial neste período – a Madebrás é privada e a Mademo pertencia ao Estado moçambicano, ainda que no período o diretor da empresa fosse um chileno. Roldão me contou que parte de seu deslocamento teve a ver com o interesse em viver num regime socialista, para a discussão sobre a memória de brasileiros no Moçambique socialista ver o trabalho de Desirée Azevedo (2013).

<sup>5</sup> Os produtos dessa primeira viagem podem ser encontrados em sete volumes na biblioteca da Escola de Floresta. (TOMASELLI, 1980).

<sup>6</sup> Como o texto de Rosot, Emerenciano e Rosot (1992).

“interesse prioritário em transformar o CEFLOMA num centro de referência da participação brasileira em Moçambique com destaque no continente africano”.

Ao longo das conversas com os engenheiros florestais moçambicanos e seus colegas brasileiros, fica aparente o fato de que a UFPR só se torna uma opção válida (pelos professores e materiais) e viável (pelos meios institucionais de acesso) após os moçambicanos estabelecerem algum tipo de relação de trabalho com estes professores que estiveram em projetos com o Cefloma. Mesmo nas defesas de dissertação que acompanhei, os próprios orientadores brasileiros relataram como conheceram seus orientandos moçambicanos, ou contaram histórias sobre o Cefloma com certa intimidade. Por outro lado, um terceiro convênio tem fundamental importância nesse contexto, é o PEC-PG, cujas vagas são divulgadas pela Embaixada Brasileira em Maputo.

Os acordos, convênios, pactos de cooperação técnica, podem ser entendidos como meros pedaços de papel com assinaturas e condições de existência. Mas, além disso, estes foram os dispositivos que catalisaram as relações entre engenheiros florestais brasileiros e moçambicanos. Há coisas que decorrem da existência do convênio e que não são pré-estabelecidas por ele. As amizades, as impressões, experiências e dificuldades constituem algumas delas<sup>7</sup>. Afinal, a institucionalização desse diálogo entre a ciência florestal produzida no Brasil com a de Moçambique apresenta uma dinâmica própria, quase que autopoietica. Os papéis que atuam para a manutenção desse diálogo não devem receber um estatuto menor.

Entre os 19 engenheiros florestais moçambicanos que passaram por Curitiba para seus estudos de mestrado até 2013, houveram contatos e indicações também. O primeiro moçambicano a estudar no Programa de Pós-graduação de Engenharia Florestal da UFPR-PPGEF em 1990, foi quem posteriormente sugeriu a João Paulo, um de meus interlocutores, a UFPR como um destino possível (especialmente nesse caso, ele havia se formado antes da retomada dos contatos entre engenheiros brasileiros e moçambicanos em 2007). Em outro caso, da engenheira florestal Ana, foi uma amiga e ex-colega de curso (que não cheguei a conhecer), que sugeriu que ela viesse a UFPR. Ela avisou Ana quando o edital do PEC-PG saiu em Maputo no ano de 2010. Foi assim também com a engenheira Alice, cuja indicação para fazer o mestrado no Brasil foi feita pelo colega que estive em Curitiba alguns anos antes, entre 2008 e 2010. Quando colegas indicam o Brasil e logo, a UFPR como destino, também aproveitam para demonstrar como preencher os formulários e apresentar as propostas de pesquisa, bem como as temáticas que podem interessar os avaliadores – nesse aspecto o PEC-PG condiciona a perspectiva de pesquisa destes engenheiros e engenheiras.

Esse programa, criado em 1981, permitiu a vinda de engenheiros florestais moçambicanos nos anos 1990. No entanto, foi com os “Termos de cooperação” de 2007 e 2009, a ida de professores da engenharia florestal da UFPR para Moçambique, que esse fluxo de engenheiros moçambicanos ganhou força – o que fez com que eles estivessem em oito conterrâneos no período de minha primeira pesquisa de campo, entre 2011 e 2013. Da maneira como se apresentam, esses projetos e convênios, apesar de fisicamente serem papéis com nomes e datas, sua atuação nesse contexto foi criar plausibilidades

---

<sup>7</sup> Outra, também interessante, é a criação do time de futebol Curitiba Football Club da Machipanda. Quando questionei o coordenador do convênio sobre o fato, ele me relatou que alguns dos servidores do Cefloma lhe pediram materiais esportivos para organizarem um time de futebol para um campeonato local. Sua condição para ajudá-los foi que o time levasse o nome do clube que o professor torce no Brasil, mais informações em: <http://www.coxanautas.com.br/noticias/conteudo.phtml?id=32816>.

institucionais. Essa compreensão se completa quando a engenheira florestal Alice comenta algo que escutei também de outros moçambicanos:

*Eu pra te ser sincera, vir ao Brasil era minha última opção, porque principalmente... o tipo de trabalho que eu tinha feito muitas das vezes, são projetos que são financiados por pessoas que vêm de países de expressão inglesa, e por vezes era difícil me comunicar com essas pessoas porque o meu inglês não é tão eficiente... a minha primeira opção era fazer o mestrado num país de expressão inglesa, que era para aperfeiçoar a língua... Eu concorri para a Austrália...*

Por suas facilidades institucionais, pelos professores conhecidos e ainda pela possibilidade de sair do país, os convênios são convenientes para as escolhas dos engenheiros moçambicanos. São *pontes* de fato, que poderiam levar a outros caminhos, mas os trazem ao Brasil segundo suas próprias escolhas. Ou melhor, apesar de não ser a primeira opção, o Brasil passa a ser uma opção viável, uma ponte segura. O Cefloma, segue sendo uma referência da presença brasileira em Moçambique. Por outro lado, as dissertações de engenheiros moçambicanos na biblioteca da Escola de Floresta produzem praticamente o simétrico oposto dele (ainda que estejam em estatutos e materialidades completamente distintos). Opera aqui uma espécie de *referência circulante*, semelhante àquela descrita por Bruno Latour (2001, p. 68), mas à diferença do pensador francês, não poderia aqui “omitir” os aspectos coloniais, senão do contrário, me parece inteiramente inevitável investir naquilo que diferencia os engenheiros entre si (LATOURE, 2001, p. 42). De certa, forma, parece que a proposta de situar as relações num mesmo plano não corresponde com as posições e operações que encontrei no meu campo. Para tanto, incluirei as máquinas, enquanto actantes que permitem que essas diferenciações hierárquicas se evidenciem.

### **Duas “Cenas” da Engenharia Florestal<sup>8</sup>**

As situações que apresentarei brevemente a seguir têm um caráter em comum: o fato de serem apresentações de trabalhos científicos ocorridos na Escola de Floresta. Por outro lado, permitem a compreensão de movimentos diferentes, bem como suas motivações são marcadamente distintas. Quero ressaltar ainda que a reunião das pessoas que estiveram em cada um destes eventos é resultado da ação dos três acordos, como apontei acima – os dois Convênios UFPR/UEM para a reabilitação do Cefloma; e o Programa Estudante Convênio – Pós-Graduação ou PEC-PG. Considerando a agência desses papéis assinados, e de outros objetos que tiveram participação direta nas decisões e compreensões destes engenheiros florestais, começo pela defesa de dissertação de Cristóvão.

Cristóvão, engenheiro florestal e pesquisador da UEM, teve contato com o professor Aramis ainda em Moçambique, quando estava no final de sua graduação. Em 2012, iniciou seu mestrado em engenharia florestal na UFPR. Foi através da ocasião

---

<sup>8</sup> Com menor sofisticação eu me inspiro aqui na forma pela qual Maria Filomena Gregori (1989) utiliza o recurso das “cenas” para abordar a violência conjugal. Apesar de objetivamente distintas, as situações descritas oferecem também formas rituais nas quais determinados papéis reproduzem micro-violências. A introdução de traços morais às redes aqui descritas contribui para um entendimento do que compreendo como modos de diferenciação hierárquica. Afinal, entre a jocosidade e o altruísmo também se produzem sujeitos e objetos.

do convênio UFPR/UEM, que o coordenador (Aramis) conseguiu o financiamento para a aquisição de um Data Logger – máquina utilizada para a medição de temperatura, umidade, calor e a quantidade de água, em ambientes, solos e em plantas. O instrumento, porém, ficou parado por dois anos. Foi assim até Cristóvão propor ao seu futuro orientador, o professor Vladimir que também conheceu Moçambique por intermédio de Aramis, o teste do instrumento para futuras medições em seu país enquanto um trabalho para sua dissertação. A discussão do trabalho foi feita em torno desse instrumento, até então, nunca utilizado em Moçambique. Apesar disso não é a tecnologia mais inovadora nessa área em países como o Brasil (com ampla produção florestal). Esse tipo de medição pode render uma leitura sobre quais espécies florestais são mais rentáveis em quais tipos de solo ou clima, e permite também auxiliar as populações rurais no manejo de suas machambas.

A banca da dissertação, que ocorreu no dia 06 de dezembro de 2013, iniciou a parte da arguição com os comentários da professora doutora Sofia. A professora chamou a atenção para o fato de o trabalho dedicar doze páginas para a máquina em questão, mesmo que estivesse analisando o desempenho dos abacateiros e das laranjeiras no quintal florestal – para ela o problema estava na construção da análise. O pesquisador que comentou o trabalho em seguida, o doutor Clovis, da Embrapa, apontou para a descrição “emotiva” do Data Logger, de forma extremamente jocosa. Segundo ele os *indivíduos* analisados foram deixados de lado para que o aparelho tivesse uma predominância na análise<sup>9</sup>. Para o pesquisador, faltou tratar do entorno social e cultural em Jangamo (região onde a pesquisa ocorreu, localizado na região central de Moçambique), ou o que ele mesmo definiu como ‘fator cultural’ ou aquilo que compõe o sistema florestal. Ao ouvir algumas dessas primeiras observações, percebi também que não só os convênios haviam aproximado professores e alunos, como também engenheiros e máquinas – e a maior prova desse relacionamento está no texto, nos papéis e nas palavras que fazem a dissertação.

O Engenheiro Florestal Clovis finalizou seu comentário criticando o tipo de produção da engenharia florestal que não faz campo, aquela de laboratório, e pediu ao avaliado que, nos próximos trabalhos, procurasse enfatizar menos o técnico e mais o social. Após a arguição deste professor, as risadas compartilhadas por todos pelos comentários feitos mesclaram com um tipo de nervosismo. O que valeu uma breve interrupção do orientador, professor Vladimir, quando designou que “*em ciência não há resultado negativo*”, afirmando que as intenções do trabalho eram mesmo ressaltar o uso do instrumento. Como já haviam sido dois comentadores, o professor Paulo, que comentaria por último pediu para que fosse feito um pequeno intervalo para o café.

Após o intervalo, o professor Aramis, que também participou da banca de Cristóvão, teceu críticas severas à maneira com que o engenheiro construiu seus argumentos. Entretanto, reconheceu o porquê da predominância que o Data Logger tinha nas preocupações do engenheiro. A razão era que, se ele não utilizasse aquele aparelho, este continuaria deixado de lado, apesar do dinheiro gasto com a sua compra e transporte até Moçambique. O comentário do professor Aramis foi seguido de pequenos chistes do pesquisador Clovis e do professor Paulo, insinuando que ou o professor aprovara o *casamento* de Cristóvão com o Data Logger ou estaria disputando o aparelho com ele. O professor Paulo, que também conheceu Moçambique através da

---

<sup>9</sup> Indivíduo é o termo técnico para os tipos de árvore em questão em qualquer estudo de engenharia florestal. As árvores-indivíduo não foram contempladas com a devida atenção neste caso.

intermediação de Aramis e do convênio, foi provavelmente o mais crítico da banca, especificamente por defender um outro entendimento do trabalho. Não só a prevalência do Data Logger foi um incômodo na sua leitura, como a questão principal para a engenharia florestal, que é a determinação da transpiração das laranjeiras e abacateiros, ficou de lado. Do mesmo modo, esclarecer o que eram quintais agroflorestais (que também foi questionado pela professora Sofia), e a motivação para a escolha das espécies trabalhadas (são espécies comuns em Moçambique). Finalmente, a parte de “Materiais e métodos” parecia, para o professor, um manual de funcionamento do Data Logger, o que significou um tipo de crítica à relevância do trabalho.

Cristóvão se defendeu de diversas formas e foi defendido pelo seu orientador, que concordou muito pouco com seus colegas. Sua defesa do trabalho caminhou no mesmo sentido em que se defendeu o mestrando, na necessidade de se reconhecer a falta de materiais na produção florestal moçambicana. Ao final, a brincadeira/acusação da paixão pelo aparelho voltou ainda por diversas vezes. Me volto agora à apresentação do trabalho que resultou da pesquisa de pós-doutorado do Professor Aramis, para mais adiante retomar as questões que surgiram na apresentação de mestrado.

No dia 12 de novembro de 2013, o professor apresentou os resultados de sua pesquisa de pós-doutorado. O trabalho tratou do tipo de discussão que Aramis está habituado a trabalhar em sala de aula, o que se discute na disciplina de “Organização e Administração Florestal”. A apresentação, distinta de uma banca, foi a forma que ele encontrou para dar um *feedback* aos seus colegas, sobre o que tinha sido feito. O tipo de abordagem dessa disciplina demanda um conhecimento geral já consolidado das diferentes áreas da Ciência Florestal. Após apresentar a trajetória de seus contatos com a produção florestal em Moçambique, e qual o contexto de cooperação entre UFPR e UEM, que cresceu a partir do ano de 2007, o professor inicia sua exposição. O objetivo dos trabalhos realizados no Centro Florestal, e com o apoio da Agência Brasileira de Cooperação-ABC, é fazer do Cefloma um centro de referência da participação brasileira em Moçambique, conforme aponteí acima.

Sua análise da gestão do Cefloma, girou em torno de três aspectos: a situação em que se encontravam as porções de florestas dentro do Centro e em seu entorno; acerca da organização hierárquica da administração do Centro; e, ainda, a respeito da população que estava no entorno e cujas práticas afetariam diretamente a manutenção de uma produção florestal controlada e organizada. A princípio, a forma pensada para se produzir um mapeamento de toda a área do Cefloma foi a utilização do *Vant* (Veículo Aéreo Não Tripulado), mas o transporte do equipamento do Brasil à Moçambique seria muito custoso<sup>10</sup>. Além disso, como a cidade de Machipanda está a três quilômetros da fronteira com o Zimbábue, o veículo corria o risco de ser abatido pelas forças militares do país vizinho, dado que o processo burocrático de autorização levaria demasiado tempo.

Para resolver essa questão, o engenheiro optou por utilizar um balão que pudesse ser controlado e onde pudesse acoplar uma câmera para registrar a situação do território – o que também não deixa de ser um veículo aéreo não tripulado. O diagnóstico dessa análise foi combinado com as leituras permitidas pelo trabalho de Manejo florestal. Nela se observa, entre outras coisas, a maneira pela qual os troncos se

---

<sup>10</sup> O *Vant* inicialmente pensado para esse projeto, era ou um avião, ou um hexacóptero rádio-controlado.

formam. Ali foram evidenciados sérios problemas de gestão das espécies florestais presentes na área do centro. As árvores encontradas, em pouca quantidade, foram principalmente o pinus e o eucalipto.

Um dos problemas mais graves em relação ao corte dessas árvores é o desperdício de resíduos, outro é o costume (comum em todo Moçambique, segundo o professor) de se vender a madeira sem antes passá-la por um processo de secagem. Os espaços de secagem e serraria no Cefloma estavam extremamente deficientes. O que fez com que muito dos troncos cortados fossem desperdiçados e o centro tivesse muito prejuízo para pouca produção. A solução encontrada pelo prof. Aramis foi levar alguns de seus colegas nas mesmas missões oficiais para Moçambique, para que se pudessem pensar em formas de resolver essas questões que tivessem um baixo custo. Um deles, o professor Rafael, contribuiu muito em sua passagem por Moçambique, ao introduzir uma técnica de secagem da madeira através de estufas que é prática e barata.

Com essa técnica, e o reordenamento do uso da serraria, o autor conta que retomou o problema da gestão do centro florestal e da relação com as populações no entorno. Em sua análise das 129 famílias espalhadas na região onde se localiza o centro, utilizou um questionário na língua Ximanica (do tronco linguístico Nda, predominante na região) para dar conta de se comunicar com a maioria das pessoas. Destas, muitas eram advindas do Zimbábue, mesmo que pertençam à mesma etnia. Ainda segundo a leitura de Aramis a maior parte destas pessoas vivem de culturas de subsistência (as roças), sobretudo de roças comunitárias que são cultivadas pelas mulheres. O engenheiro aplicou ainda uma análise do organograma da administração do Centro Florestal em conjunto com o perfil dos funcionários do centro. O que o levou à conclusão de que o manejo da área do centro deve ser feito de maneira comunitária e participativa.

Ao final da apresentação, as perguntas foram mais relacionadas às formas utilizadas para reunir todas as informações – feitas pelos professores que haviam ido a Moçambique. Entre os que assistiam, havia dois moçambicanos somente, uma aluna do mestrado e um professor moçambicano de engenharia florestal, que estava fazendo seu doutorado na UFPR e contribuiu diretamente para a pesquisa apresentada (com o qual não convivi). Após as formalidades formou-se uma roda de conversa de professores brasileiros junto com o apresentador do trabalho e o assunto eram as condições de pesquisa precárias em Moçambique. O tema se iniciou a partir de lembranças dos colegas a respeito de suas viagens. Um consenso entre os professores ali presentes, era que não se poderia avaliar os discentes provenientes do país africano da mesma forma que os engenheiros formados no Brasil. As motivações elencadas se basearam sobretudo, nas dificuldades que existem no acompanhamento das produções tecnológicas mais recentes a nível mundial. O olhar presente ali remetia um ar de compaixão, uma necessidade de tutela – ‘cuidado’ que o professor Aramis se prontificou em tomar para si.

Apesar de em ambas as situações trazidas as máquinas serem indispensáveis, suas importâncias têm graus distintos. Para Cristóvão, o Data Logger talvez tivesse um significado semelhante ao que Annemarie Mol e Marianne de Laet (2000, p. 253) relataram no artigo “The Zimbabwe Bush Pump” – um tipo de *amor* entre homens e máquinas, pelo que elas podem fazer, pelo que significam, pela maneira como se modulam, e assim contribuem para o crescimento de um país. Conversando com ele após a sua defesa de dissertação, ele me explicou, de forma mais exaltada, o fato de

haver somente um Data Logger em todo Moçambique. A máquina era seu foco porque ela permitiria aumentar o número de plantações de árvores com frutos segundo sua adaptabilidade com solo e clima. Da forma como ele compreende, em seu país muito se investe para a solução da pobreza, mas muito pouco se faz para melhorar as condições básicas (como, por exemplo, utilizar o conhecimento florestal para diminuir a fome), como o faz a bomba de água no Zimbábue. Por outro lado, por ter que *remendar*<sup>11</sup> ou improvisar, Aramis delega à sua máquina a um papel secundário. Mas, ainda assim, ela é necessária para seu diagnóstico. E apesar de ter que criar um Vant seu, em nenhum momento foi questionado a respeito de seu desejo de ‘casar’ com aquela máquina. Isso tem a ver não tanto com os conteúdos das falas, mas com o que a antropóloga Tania Li convencionou enquanto *permissões técnicas*.<sup>12</sup>

Essas situações permitem definir e caracterizar as fronteiras de um campo inteligível ou seus limites. Para o engenheiro Aramis, a máquina contribuiu ao diagnóstico, fornecendo imagens que revelariam as falhas técnicas. Para o engenheiro que estava defendendo seu mestrado, as potencialidades técnicas da máquina teriam uma finalidade de política econômica. Essa diferença reforça o argumento de Li (2007, p. 7) quando aponta a pretensão não-política desse conjunto de práticas, ou o quanto elas se apoiam num discurso técnico para a justificar intervenções. Aqui, se vê novamente operando a referência circulante de Latour, onde o trabalho no Cefloma, decorrente da cooperação, justifica a necessidade da cooperação para os brasileiros – segundo argumentos e referências científicas (ou técnicas). Por outro lado, a proposta de pesquisa de Cristóvão, esbarra no caráter supostamente menos técnico que sua análise construiu por faltar com elementos “culturais” e “sociais”.

Apesar de circularem referências entre Brasil e Moçambique sob a égide da cooperação Sul-Sul, é no interior das práticas, interpretações, propostas de pesquisa ou das *performances* que se redefinem os lugares de fala – apesar do conhecimento em comum da engenharia florestal. Não obstante, tais práticas acabam por reiterar imaginações e imagens brasileiras a respeito de países africanos.

### **Imagens e Imaginações Sociológicas nas Cooperações Sul-Sul Brasileiras**

À diferença de outros contextos de cooperação onde, por exemplo, os membros de países africanos vem ao Brasil para formações técnicas específicas que já fazem parte de órgãos técnicos brasileiros, tais como a Embrapa (cf. CESARINO, 2012, 2014, 2017). Ou ainda contextos de análise em que uma empresa privada desenvolve junto ao governo brasileiro algum tipo de projeto em terreno africano (como em MUITXS OUTRXS, 2017). Esses fragmentos etnográficos trazidos aqui se referem sobretudo a um contexto educacional/acadêmico. A formação de engenheiros florestais que vêm de Moçambique, país já objeto de cooperações internacionais pelo menos desde os primeiros anos de sua independência nos anos 1970, passa despercebida enquanto uma posição de auxílio ou tutela quando não se consideram as tramas históricas que conformam o tecido social das realidades educacionais em questão.

---

<sup>11</sup> No sentido que sugere Law (2011) em “Heterogeneous Engineering and Tinkering”, nesse caso uma tradução livre da expressão *tinker*.

<sup>12</sup> A expressão também foi traduzida livremente do original *rendering technical* (LI, 2007, p.7). Seu trabalho é um resultado de dez anos de campo na Indonésia acompanhando projetos de cooperação para o desenvolvimento, e combinado à inspiração foucaultiana da autora.

Na fala de Alice acima, fica evidente que a vinda para o Brasil é uma opção que não faz parte da primeira ideia sobre um mestrado internacional – pelo menos não na área de Engenharia Florestal. O marido de Ana, por exemplo, também é engenheiro florestal, mas sua formação foi feita em Cuba nos anos 1990, em um âmbito das cooperações com países socialistas<sup>13</sup>. Em minha pesquisa essa dimensão de valor e status dos processos educativos internacionais reitera a argumentação desenvolvida com mais detalhe por Sara Santos Morais (2012). Ademais deve-se considerar também, a tese de Lorenzo Macagno (2001), em que as intervenções internacionais na constituição de um multiculturalismo no sistema educacional moçambicano é evidenciada na sua formação. E, no entanto, situações como a defesa de Cristóvão e a roda de conversa que se formou após a apresentação do professor Aramis, em que brasileiros podem recorrer ao olhar, ora condescendente, ora tutelar, são comuns.

As motivações podem ser as mais variadas, desde a presunção destes pesquisadores e professores que ao interpelar os engenheiros moçambicanos projetam neles a falta condições materiais que assolam grande parte de seus conterrâneos até uma mera reprodução do senso comum brasileiro a respeito do continente africano em geral (mesmo tendo conhecido um ou outro país). Conforme apontou a antropóloga Letícia Cesarino (2012, p. 523) em sua reflexão a respeito das relações Sul-Sul, ou dos contextos onde ocorrem essa forma de cooperação internacional, seu modo de nomeação (Sul-Sul) não evita a constituição de hierarquias ontológicas-epistemológicas. Mesmo nas relações internas aos moçambicanos que fizeram seus mestrados em engenharia florestal na UFPR, havia disparidades e diferentes entendimentos a respeito do valor de cada área de atuação (vide as percepções que Carlos tinha sobre sua pesquisa).

Cesarino (2014, 2017) aponta também em duas ocasiões, a ocorrência de um tipo de ‘orientalismo’ brasileiro com relação ao continente africano, através do qual se fundamenta esse senso comum culturalista. Minha interpretação das sobrevivências desse modo de olhar as relações brasileiras com a África, no âmbito das relações internacionais e da diplomacia, me leva a crer que se trata mais de uma penumbra ou sombra lusotropical. É o efeito do mito Brasil e seu contra-mito São Paulo, em termos levi-straussianos (cf. MACAGNO, 2011) que não cessa de ofuscar e tornar opaca a compreensão brasileira da diversidade e da potência africana (MACEDO, 2017, 2018).<sup>14</sup> Apesar dessa diferença terminológica eu coaduno com o conteúdo da argumentação da autora com relação à predominância da visão diplomática nas ações e perspectivas de cooperação brasileiras, logo a presença de um culturalismo (lusotropicalista) tanto nos entendimentos burocráticos quanto nas interações diretas.

Essa compreensão permite um retorno às próprias condições em que esse contexto de relações brasileiras e moçambicanas se compõe no âmbito da Escola de Floresta em Curitiba. Os condicionantes dessas relações são, como aponta Letícia Cesarino (2014, p. 29), uma “*composição de interfaces relacionais emergentes.*” Essa definição permite diferenciar a qualidade dos aparatos de cooperação brasileiros (na sua proposta Sul-Sul), bem como o caráter experimental e contingente das políticas adotadas. De modo que a atuação das políticas de cooperação se dá a partir de

---

<sup>13</sup> Em relação à Angola, por exemplo, o trabalho de Christine Hatzky (2015) demonstra com detalhe os funcionamentos e as histórias de vida do diálogo “Sul-Sul” deste país com Cuba.

<sup>14</sup> Para uma excelente revisão das trajetórias dos Estudos Afro-Brasileiros e Africanos no Brasil, ver Schlickmann (2016).

agregados de experiências anteriores (em que o Brasil figurava como país que recebe ajuda, no eixo Norte-Sul). Fica claro também como tais políticas estão em processo de consolidação ou emergência – vide a máquina improvisada para o desenvolvimento do estudo de Aramis<sup>15</sup>.

### **Afinal de Qual Moçambique Se Está Falando?**

Se, por um lado, a perspectiva brasileira sobre África a que me refiro é parte de uma visão específica da elite letrada e predominantemente branca, ainda que ela encontre ressonâncias entre o senso comum. Por outro, a realidade moçambicana (dentro do universo ou pluriverso de possibilidades no continente africano) que aparece nesses fragmentos etnográficos é aquela que remete à parte da socialidade da elite deste país. Aqui o termo elite é esticado em sua semântica às camadas médias letradas pelo número de oportunidades que se abrem com o nível de formação ao qual meus interlocutores e amigos alcançaram.<sup>16</sup>

Somente considerando as possibilidades de acesso/redes de contatos e a posição que muitos deles já ocupam dentro do quadro de profissões oferecidas a profissionais com formação universitária, o diferencial deles é enorme. Seja em trabalhos com organismos internacionais, empresas privadas (e *joint ventures*), ou em último caso, dentro da burocracia estatal. Suas possibilidades são inteiramente diferentes, por exemplo, daquelas a que os *madgermane*, descritos por Hector Guerra (2011, 2014), possuem: estes são moçambicanos que migraram a trabalho na Alemanha Oriental, no período socialista, e que hoje formam parte do principal movimento social moçambicano atuante. A análise desenvolvida por esse antropólogo, a partir das “memórias estarrecidas” e da luta política pelos salários capturados pelo Estado moçambicano na volta deles a Moçambique, ao fim da fase socialista, se apresenta como uma forma de ler as diferentes formas de opressão do período pós-colonial. Na sequência da extensa guerra civil entre Frelimo e Renamo<sup>17</sup>, o que se estabeleceu pode ser entendido, conforme a definição de Juan Obarrio (2014), como Estado de Ajuste Estrutural, que orientou as soluções para a seca, a fome e as milhares de pessoas deslocadas por causa da guerra através da linguagem da cooperação internacional.

Melhor dizendo, os modos de se fazer cooperação internacional e seus distintos efeitos no período socialista ou, no momento atual, neoliberal, operam como índices necessários para se compreender as composições modernas que fabricam as socialidades moçambicanas. Nesse sentido, é difícil contra-argumentar o posicionamento de Mahmood Mamdani com relação ao contexto pós-colonial tardio do continente africano, no qual se produziu um Estado bifurcado (com a cabeça de Janus), que opera de uma maneira nas áreas rurais e outra nas zonas urbanas (MAMDANI, 1996, 2001). Os amigos que trabalham com a engenharia florestal em Moçambique circulam entre esses dois

---

<sup>15</sup> Vale lembrar também que a Escola de Floresta da UFPR teve também cooperação com a Universidade de Freiburg da Alemanha em 1971.

<sup>16</sup> Em minha dissertação, eu exploro com maior detalhe de que formas o que estou chamando de camadas médias (empréstimo de Giberto Velho, 1998), se consolida também numa distância social da cúpula da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), grupo/partido que liderou a guerra pela independência e desde 1975 está a frente do comando do país.

<sup>17</sup> Resistência Nacional Moçambicana – Renamo, desde 1976, quando era somente um grupo armado no Zimbábue, se posicionou como a oposição à Frelimo. Ambas as forças protagonizaram a violenta guerra civil que assolou o país até 1994. Hoje essa organização segue como o principal partido de oposição em Moçambique.

mundos, mas suas estratégias e projetos de vida são pensados de acordo com as oportunidades e benesses urbanas. Observando as oportunidades capitalistas que podem aparecer, eles se movem pelos espaços onde se estabeleceu a elite, ou como explica Harry West, com o fim do socialismo no início dos anos 1990: “as elites ocuparam como empresários privados alguns dos espaços de onde se tinham, simultaneamente, retirado, como agentes do Estado.” (WEST, 2009, p. 276).

Apesar de ser um esforço que exigiria uma reflexão própria, essas breves indicações sobre a cartografia social moçambicana me permitem abrir outras possibilidades a respeito do como se pensa essas presenças de estudantes do continente africano nas IES brasileiras. As pesquisas a respeito desses estudantes ganharam força desde o início dos anos 2000 (MORAIS, 2012; MOURÃO, 2006; MUNGOI, 2006; NGOMANE, 2010; PEDRO, 2000; SUBUHANA, 2005;), demonstrando que diversas abordagens são possíveis. Considerar os movimentos de cooperação internacional que regulam esses fluxos e movimentos como parte da paisagem que eles compõem, observando suas heterogeneidades é um passo substancialmente importante.

### **Comentário Final**

Ao longo deste texto, descrevi os tipos de agência que os diversos actantes deste contexto produziram. São máquinas, convênios e engenheiros florestais brasileiros e moçambicanos. As máquinas, que constituem elemento necessário e fundamental na produção florestal e no desenvolvimento da ciência florestal, habilitam aos engenheiros enxergar e dominar elementos da vida material que estão fora de seu alcance. Os convênios ora firmados entre nações, ora firmados entre universidades públicas vêm satisfazer interesses e necessidades nacionais, mas também dão sustentação ao fluxo, por mais frágeis que os papéis possam ser. Os engenheiros florestais se apoiam nas possibilidades de crescimento profissional e na constituição de uma rede de contatos interpessoais que aumente sua mobilidade dentro do campo de produção da engenharia florestal. Sejam eles brasileiros ou moçambicanos, o que se observa é a constituição de compreensões ou visões acerca do que compõe o sistema florestal, do Brasil ou de Moçambique.

A mobilização para se firmarem os acordos que sustentam as idas e vindas de brasileiros e moçambicanos tem a ver com aumento de investimento do governo brasileiro na internacionalização das Instituições de Ensino Superior. Pelo menos desde 2007, diversos programas foram criados não só para enviar estudantes brasileiros para outros países, como também para a recepção de estudantes estrangeiros. Da mesma forma, o investimento nas relações com o continente africano e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOPs, ou a intenção do governo brasileiro de situar o país enquanto uma liderança na Comunidade dos Países de Língua oficial Portuguesa – CPLP, tem se firmado como uma via de destaque para o crescimento, pelo menos, desde o governo de Fernando Henrique Cardoso. No entanto, sabe-se também conforme Garcia, Kato e Fontes (2013) que o Brasil não é o único, nem o mais implacável nessa cooperação para o desenvolvimento dos países africanos, vide o caso das relações com a China.

Nos últimos quatro anos, os frutos de políticas públicas e posicionamentos estratégicos em geopolítica continuam a reverberar, apesar do enfraquecimento das pontes e seus mecanismos aqui analisados. Não é possível medir com acuidade as

consequências das mudanças radicais mais recentes na esfera política e seus efeitos no campo apresentado acima. É sintomático, no entanto, o breve diagnóstico do escritor moçambicano Mia Couto (aclamado no Brasil) a respeito de uma nova distância entre Brasil e Moçambique, em entrevista para o jornal 'El País' em 2019. Seu comentário está direcionado aos novos problemas resultantes de desastres ambientais que ocorreram, aqui e lá, e trouxeram outros questionamentos para a relação entre os países. Portanto, a análise do momento atual é tema para outro trabalho.

Como procurei demonstrar entre as máquinas, os convênios e os engenheiros florestais, se produziu um contexto africano, ou mais especificamente, o contexto florestal moçambicano-brasileiro. Desde os primeiros inventários produzidos, com a ajuda de engenheiros brasileiros, até as pesquisas desenvolvidas recentemente: elas podem influenciar nas políticas feitas pela Direção Nacional de Terras e Florestas, ou nas estratégias de prevenção de incêndio aplicadas por empresas privadas no norte, ou ainda, na produção madeireira do país. Esse contexto é produzido também na *Escola de Florestas*, em Curitiba, porque é residual e mediado pelas relações que se estabeleceram lá, mas que da mesma forma se estabeleceram nas atividades com o Cefloma. Talvez a reprodução de hierarquias onto-epistemológicas esteja relacionada com essa diferença de antemão, onde o que é brasileiro e o que é moçambicano está claramente definido - como no texto dos convênios. Não é o caso de nós, antropólogos, ignorarmos as fronteiras ou as diferenças que marcam nossas pesquisas em contextos africanos, e sim de permitir que os actantes envolvidos redesenhem estas fronteiras e de se deixar levar pelas pontes que as ligam.

## Referências

- ÁFRICA TURISMO. Disponível em: <http://www.africaturismo.com/mapas/mocambique.htm>. Acesso em: 5 maio 2015.
- AZEVEDO, Desirée de Lemos. *Os melhores anos de nossas vidas: narrativas, trajetórias e trajetos de exilados brasileiros em Moçambique*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.
- CANDEA, Matei. *Corsican fragments. Difference, knowledge, and fieldwork*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2010.
- CESARINO, Letícia. Anthropology and the south-south encounter: on "culture" in Brazil-Africa relations. *American Anthropologist*, Washington, v. 119, n. 2, p. 333-358, 2017.
- CESARINO, Letícia. Anthropology of development and the challenge of South-South cooperation In.: Vibrant. *Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 9, n.1, p. 507-537, 2012.
- CESARINO, Letícia. Antropologia multissituada e a questão da escala: Reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul Brasileira. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p.19-50, jan./jun. 2014.
- COUTO, Mia. Doeu ver como África e Moçambique ficaram tão distantes do Brasil. [Entrevista concedida a] Joana Oliveira. *El País*, São Paulo, 19 maio 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858\\_754829.html?fbclid=IwAR0v\\_h1KEIRUb\\_g2DRl4-anne6UfPJxKZCPNzY9j0P4jAmVEFjwkHQhtS-ag](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html?fbclid=IwAR0v_h1KEIRUb_g2DRl4-anne6UfPJxKZCPNzY9j0P4jAmVEFjwkHQhtS-ag). Acesso em: 6 mar. 2019.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: CUNHA, M. C. *Cultura com aspás e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 235-245.
- FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- GARCIA, Ana Saggiore; KATO, Karina; FONTES, Camila. *A história contada pela caça ou pelo caçador? Perspectivas sobre o Brasil em Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: PACS, 2013.

- Disponível em: <http://www.pacs.org.br/2013/03/08/pesquisa-do-pacs-sobre-a-relacao-brasil-africa-a-historia-contada-pela-caca-ou-pelo-cacador-perspectivas-sobre-o-brasil-em-angola-e-mocambique/>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- GREGORI, Maria Filomena. Cenas e queixas: mulheres e relações violentas. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 23, p. 163-175, mar. 1989.
- GUERRA, Hector. *Ma(d)germanes*: passado colonial presente diaspórizado. Reconstrução etnográfica de um dos últimos vestígios do socialismo colonial europeu. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- GUERRA, Hector. Modernidade seletiva e estado predador: primeira aproximação às revoltas populares em Maputo de 2008 e 2010. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 201-232, jan./jun. 2014.
- HATZKY, Christine. Cubans in Angola: south-south cooperation and transfer of knowledge, 1976-1991. Madison: The University of Wisconsin Press, 2015.
- LAET, Marianne de; MOL, Annemarie. The zimbabwe bush pump: mechanics of a fluid technology. *Social Studies of Science*, London, v., n. 2, p. 225-263, Apr. 2000.
- LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo social*: una introducción a la Teoría del Actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2005.
- LATOUR, Bruno. *Referência circulante*: amostragem do solo da floresta Amazônica. In: LATOUR, Bruno. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001. p. 39-97.
- LAW, John. *Heterogeneous engineering and tinkering*. Milton Keynes: The Open University; 2011. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2011HeterogeneousEngineeringAndTinkering.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- LI, Tania Murray. Introduction: the will to improve. In: LI, T. *The will to improve*: governmentality, development and the practice of politics. Durham and London: Duke University Press, 2007. p. 1-31.
- LOPES, Armando Jorge; SITO, Salvador Julio; NHAMUENDE, Paulino José Machamba. In: LOPES, Armando Jorge; SITO, Salvador Julio; NHAMUENDE, Paulino José Machamba. *Moçambicanismos*: para um léxico de usos do português moçambicano. Maputo: Livraria Universitária UEM, 2002.
- MACAGNO, Lorenzo. Assimilacionismo e multiculturalismo: educação e representações sobre a diversidade cultural em Moçambique. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- MACAGNO, Lorenzo. Três raças e uma nação? A propósito de África no Brasil e Brasil na África. *Realis*, Recife, v. 1, n. 2, p. 94-111, 2011.
- MACEDO, Victor Macedo Castillo de. Etnografia, história e memória entre moçambicanos no Brasil: possibilidades e limitações políticas em campo. *Revista de @ntropologia da UFSCAR*, Florianópolis, v. 8, n.1, p.131-146, jan./jun. 2016.
- MACEDO, Victor Macedo Castillo de. Luso-tropical Shadows: Gilberto Freyre's influence on Brazilian International Thought. *Portuguese Studies Review*, Durham, v. 26, n. 1, p. 39-61, 2018.
- MACEDO, Victor Miguel Castillo de. Memórias, silêncios e intimidades: sobre a política no Moçambique contemporâneo (1975-2015). 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- MACEDO, Victor Miguel Castillo de. Outras faces da nação: fragmentos lusotropicals no Itamaraty. In: MACEDO, Victor Miguel Castillo de. À margem do(s) cânone(s) II: pensamento social e interpretações do Brasil. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.
- MAMDANI, Mahmood. Citizen and Subject: contemporary Africa and the legacy of late colonialism. New Jersey: Princeton University, 1996.
- MAMDANI, Mahmood. When victims become killers: colonialism, nativism, and the genocide in Rwanda. New Jersey: Princeton University, 2001.

- MBANZE, Aires Afonso; BATISTA, Antonio Carlos; TETTO, Alexandre França; ROMERO, Axel Misraim; MUDEKWE, John. Desempenho dos índices Nesterov e fórmula de Monte Alegre no distrito de Lichinga, norte de Moçambique. *Ciência Florestal*, Santa Maria, v. 27, n. 2, p. 687-696, abr./jun. 2017.
- MORAIS, Sara Santos. *Múltiplos regressos a um mundo cosmopolita: moçambicanos formados em universidades brasileiras e a construção de um sistema de prestígio em Maputo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- MOURÃO, Daniele Ellery. *África na "pasajen": identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, 2006.
- MUITXS OUTRXS. Corredor de Nacala: comboio, carvão e gente no norte de Moçambique (Estação Biblioteca Mindlin). In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IEB - USP, 6., 2017, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: REACT, 2017. v. 3.
- MUNGOI, Dulce. *O mito atlântico: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- NGOMANE, Yara Neusa. *Estudantes Moçambicanos em Belo Horizonte: uma discussão sobre a construção identitária e redes de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado, Antropologia, Universidade Federal de São Carlos, 2010.
- OBARRIO, Juan. *The spirit of laws in Mozambique*. Chicago: The University of Chicago Press, 2014. (versão do Kindle).
- PEDRO, Verônica Tchivela. *Identidades traduzidas num mundo globalizado: estudantes "africanos" em Florianópolis*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- RABINOW, Paul. *Reflections on fieldwork in Morocco*. Berkeley and Los Angeles: University of California, 1977.
- ROSOT, Nelson Carlos; EMERENCIANO, Dartagnan Baggio; ROSOT, Maria Augusta. Tabela de produção para povoamento de *Pinus patula* através de análise de tronco para a região de Manica – Moçambique. *Floresta*, Curitiba, v. 22, n.1-2, 1992.
- SCHLICKMANN, Mariana. A trajetória dos estudos africanos no Brasil: 1930 a 1980. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 417-443, jan./maio 2016.
- STRATHERN, Marylin. Artefatos da história: os eventos e a interpretação de imagens. In: STRATHERN, Marylin. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 211-230.
- SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: imigração temporária dos estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro*. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- TOMASELLI, Ivan. (coord.). *Desenvolvimento florestal da Província do Niassa: relatório trimestral – 15/07 – 14/10/1980*. Curitiba: Madebrás/FUPEF, 1980.
- VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- WEST, Harry. *Kupilikula: o poder e o invisível em Mueda, Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.